

## O ABUSO SEXUAL ENCARNADO NOS TRANSTORNOS MENTAIS

### *SEXUAL ABUSE IN MENTAL DISORDERS*

Gustavo Ramos de Oliveira e Sousa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O cenário da violência na sociedade brasileira é hoje visto como um caso de saúde pública, impactando no estado de saúde, principalmente no que concerne a saúde mental. Dessa forma, fica evidente a necessidade de refletir a relação entre a violência sexual e o transtorno mental, tendo em vista que é uma forma de violência pouco evidente e especialmente muito silenciada. **Objetivos:** A pesquisa tem como objetivo, relacionar a violência sexual e sua implicação nos transtornos mentais. **Metodologia:** este artigo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, em variadas bases de dados, BVS, LILACS, SCIELO, MEDLINE e PUBMED, todos os artigos foram buscados através de descritores indexados no Decs, o método de revisão utilizado foi a narrativa, portanto não buscou esgotar as bases de dados. **Resultados:** foram elencados 16 artigos para o trabalho proposto, e estes artigos foram subdivididos nas seguintes categorias. (1) O machismo encarnado na violência (2) A violência de gênero o estupro e o perfil do abuso sexual (3) A violência sexual e os transtornos mentais. **Considerações Finais:** Os artigos relataram a relação do masculino com a violência, as crianças e adolescentes como os mais vulneráveis ao abuso sexual, e uma relação íntima entre a violência sexual e sintomas depressivos e do transtorno de estresse pós traumático.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Enfermagem Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Especialista em Saúde Mental pela Universidade Federal de Uberlândia (2016).

**Palavras-chave:** estupro, violência contra a mulher, violência sexual, transtornos mentais

**ABSTRACT:** *The scenario of violence in Brazilian society, is now seen as a public health case, impacting the health, especially with regard to mental health. Thus, it is evident the need to reflect the relationship between sexual violence and mental illness, considering that is a form of little apparent violence and very silenced. **Objectives:** The study has the objective, relate to sexual violence and its influence on mental disorders. **Methodology:** This article was made through a literature search in various databases, BVS, LILACS, SciELO, MEDLINE and PubMed, all articles were sought through indexed descriptors in Decs, the review method used was the narrative, thus did not seek to exhaust the databases. **Results:** 16 articles were listed for the proposed work, and these items were subdivided into the following categories. (1) embodied machism in the violence (2) Gender violence, rape and sexual abuse profile (3) Sexual violence and mental disorders. **Final Thoughts:** The articles reported the male's relationship to violence, children and adolescents as the most vulnerable to sexual abuse, and a close relationship between sexual violence and depressive symptoms also post-traumatic stress disorder.*

**Keywords:** *rape, violence against women, sexual violence, mental disorder.*

## INTRODUÇÃO

A violência no país parece estar sempre em constante ascensão, nossa percepção nos trás que cada ano que passa os incidentes tornam-se cada vez mais visíveis e próximos de nós mesmos.

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

Para Sousa & Mendonça (2013) o abuso sexual corresponde a qualquer ato sexual abusivo praticado contra uma pessoa. Este é comumente obtido por meio de violência física, intimidações ou ameaças. Pode ocorrer também, em detrimento do uso de meios coercitivos como armas, ou por imposição de condição debilitante ou que prejudique a consciência e o discernimento, tal como o estado de sono, de torpeza, ou o uso de bebidas alcoólicas e/ou de outras drogas.

Schraiber et al. (2007) cita que quando falamos em violência, consideramos agora uma questão de saúde, entretanto os dados populacionais existentes são de difícil comparabilidade, e a maioria dos estudos foca apenas na violência física, que é comumente mensurada por atos concretos, como tapas, socos e empurrões sendo a violência sexual negligenciada, apesar de ser uma forma de violência bastante abrangente, afinal quando uma pessoa sofre com essa forma de agressão, muitas vezes esta associada a outros tipos de violência, como a física e a psicológica. A autora ainda apresenta outra dificuldade em identificar a violência sexual, pois em muitos países com o patriarcado como forma de política e reafirmada na lei, a prática sexual mesmo que não consensual é considerada como um dever da esposa.

Segundo Schraiber et al. (2007), a violência sexual é o tipo de violência de menor frequência mas quase sempre aparece conjugada com outros atos de violência, e está intimamente ligada a traumas e alguns transtornos mentais, estabelecer o tema da violência sexual e fazer o

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

elo com os transtornos mentais é de suma importância para criar condições favoráveis a prevenção desses transtornos nas vítimas de abuso sexual.

A violência sexual contra mulheres é um ato agressivo, violento e hostil, utilizado pelos agressores como meio de degradar, humilhar, aterrorizar e dominá-las. Raramente é praticado pelo desejo sexual, mas, sim, como uma forma de demonstração de poder e controle sobre suas vítimas (OSHIKATA et. al, 2011, p.701).

O fenômeno da violência contra a mulher segundo Osterne (2011) foi sempre tratado no Brasil como tabu, na medida em que foi constantemente remetido à esfera privada, até então não há uma aberta discussão sobre o tema, apesar de anos de atividade feminista, ainda é um fenômeno muito pouco debatido, e menos ainda estudado. A violência contra a mulher é intimamente ligada ao fenômeno do machismo.

Portanto é importante além de estabelecer o elo entre a violência sexual, e os transtornos mentais, entender as questões de gênero, tendo em vista o fenômeno da violência, pois se trata de uma relação de causa e efeito.

Osterne (2011) afirma que entender, a violência de homens contra mulheres, perpassa pela perspectiva de gênero, e para isso se faz necessário perceber o significado de ser homem e ser mulher na sociedade.

Portanto esse trabalho tem por objetivo compreender as implicações da violência sexual nos

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

transtornos mentais e para além disso avaliar o comportamento das variáveis de gênero, idade e etnia no universo da violência, em especial da violência sexual, bem como a importância dos profissionais da área da saúde mental para uma melhor atuação nos casos de abuso sexual.

## **METODOLOGIA**

Segundo Minayo (2001), pesquisa pode ser entendida como uma atividade básica das Ciências que questiona e evidencia a realidade por meio de uma atitude prática teórica de busca constante em um processo inacabado e sem fim.

Este artigo foi realizado de acordo com uma abordagem qualitativa por meio de uma pesquisa bibliográfica, realizada em variadas bases de dados. Como critérios de inclusão dos artigos na pesquisa, foi pesquisado nas bases de dados, BVS, LILACS, SCIELO, MEDLINE e PUBMED, artigos com o tema violência sexual e saúde mental através dos descritores indexados pelo Decs: estupro, violência contra a mulher, violência sexual, transtornos mentais. Foram realizadas permutas entre os descritores com o fim de encontrar temas relacionados ao trabalho proposto. O resumo dos artigos foi lido a fim de identificar se o tema central tinha proximidade com o tema proposto neste estudo, e posteriormente foram elencados artigos com respostas

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

significativas para este estudo, lidos e analisados todos, e apresentados em forma de texto.

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura, no qual se elenca diversos artigos com temas em comum, como forma de unificar os resultados obtidos em um grande aglomerado de conhecimentos.

O universo desta pesquisa é a violência, em especial a violência sexual e qual sua relação com os transtornos mentais. Tendo como objetivo geral, relacionar a violência sexual e sua influência nos transtornos mentais, a pesquisa propõe como objetivos específicos, avaliar o comportamento das variáveis de gênero, idade e etnia no universo da violência sexual.

## **1. A VIOLÊNCIA SEXUAL E A SAÚDE MENTAL**

### **1.1 O machismo encarnado na violência**

O ser humano vive um constante flerte com a violência, é impossível dissociar a violência da história da humanidade, a busca pela paz no caminho encontra a guerra. O poder da violência é na sua maioria concentrado nas mãos do Estado, entretanto, ainda resta desse poder muito para ser distribuído para cada indivíduo, e nas relações de poder encontramos como um dos maiores detentores da violência o homem.

Para Minayo (2005) qualquer busca pelo tema homem, encontramos vários exemplos de suas

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

performances no processo de violência, bem como várias situações que a relacionam com a sua saúde: mortes por homicídio (como vítimas e agressores), a vulnerabilidade para o uso de drogas e suicídio, acidentes envolvendo automóveis, sempre a frente largamente se comparado a posição das mulheres.

Se levarmos em conta que culturalmente a sociedade impõe ao sexo masculino, o tipificado macho, ser “chefe” da casa e centro da renda familiar, podemos perceber então a necessidade do uso da violência como forma de se afirmar nesse cargo.

Enxergamos nas sociedades patriarcais que vivemos, o papel do homem como o ser dotado de virilidade e desejos, enquanto a mulher é vista como a subserviente, sendo possível afirmar que essa é uma percepção passada culturalmente, de uma geração para a outra. Em outras palavras, “a concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental” (MINAYO, 2005, p.23).

As desigualdades de gênero alicerçam-se na existência de uma histórica e cultural hierarquia entre homens e mulheres, com primazia do masculino, respaldada na “lógica” da diferença biológica entre os sexos. Manifesta-se numa ordem social e material fortemente simbólica, que inferioriza, submete e discrimina a condição feminina em grande parte das áreas da convivência humana. Está presente na família, nas igrejas, no mercado de trabalho, nos processos de trabalho, nas

instituições, nos partidos políticos, nos movimentos sociais, enfim, no imaginário coletivo sob a forma de representações sociais. Aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração a sensibilidade e os sentimentos (OSTERNE, 2011, p.131)

A sociedade patriarcal não entende o meio termo, a rotulação precisa ser total, o homem é um ser castrado de sentimentos e a mulher é a sedução e a perdição, esses dois pensamentos em relação ao gênero, é amplamente amparada por passagens religiosas, na história ou mesmo na filosofia.

De acordo, Minayo (2005) na visão enrijecida do patriarcalismo, ao masculino é dado o lugar da ação, da decisão, de coordenador das relações familiares e a paternidade é colocada como um sinônimo de provimento material, são esses valores colocados socialmente para o gênero, são impensados e naturalizados.

Quando é falado da naturalização do patriarcado, podemos interpretar como uma promoção da desumanização do homem quanto seu papel dentro das relações familiares, sendo o mesmo o sujeito provedor, quem subsidia e gerencia a família, e por fim negligenciando assim sua participação no campo emocional familiar.

Para Minayo (2005), o masculino é investido significativamente como agente do poder da violência, havendo uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas.

*No mundo da criminalidade* [grifo da autora], a ideia fundante de *macho violento* [grifo da autora] se centra na mesma crença arraigada do masculino

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

como o espaço da iniciativa, do poder e da imposição da vontade, fazendo a associação de dois planos, o da sexualidade e o da sociabilidade. A moral do macho violento é a da virilidade que se apodera do corpo, dos desejos, dos projetos, dos negócios e da vida do outro (MINAYO, 2005, p.24).

Entende-se que na situação evidenciada acima o poder da dominação masculina, vem do papel social já pré-estabelecido, e a autora na situação ao referir “virilidade que se apodera do corpo”, consegue trazer um discurso do homem justificando seus atos violentos, como algo instintivo.

Campos (2006) refere que a situação da mulher na violência sexual, normalmente aparece como vítima, mas em seu estudo retrospectivo, mostrou alguns casos em que a mulher é o algoz da situação, representando 4,5% no escore total, nesse valor está somado ainda 1,5% que representa a mãe juntamente com o padrasto, evidenciando ainda a participação do homem na violência.

Fica evidente a relação entre o binômio homem-violência, para Minayo (2005), entretanto o desempenho da violência masculina não é, necessariamente, contra um algo específico, o que ocorre nas expressões da violência, são de caráter narcisista, e se expressa no exibicionismo, na vanglória, no prazer do domínio e na imposição da crueldade.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

No caso das *relações conjugais* [grifo da autora] a prática cultural do “normal masculino” como a posição do “macho social” apresenta suas atitudes e relações violentas como “atos corretivos”. Por isso, em geral, quando acusados, os agressores reconhecem apenas “seus excessos” e não sua função disciplinar da qual se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam *encarnar* [grifo nosso]. Geralmente quando narram seus comportamentos violentos, os maridos (ou parceiros) costumam dizer que primeiro buscam “avisar”, “conversar” e depois, se não são obedecidos, “batem”. Consideram, portanto, que as atitudes e ações de suas mulheres (e por extensão, de suas filhas) estão sempre distantes do comportamento ideal do qual se julgam guardiões e precisam garantir e controlar (MINAYO, 2005, p.24).

Portanto, o homem por vezes tem dificuldade em se entender dentro do processo da violência principalmente intrafamiliar, pois o mesmo, sujeito de desejos e controlador do lar, recebendo negativas de sua esposa, por vezes se vê no direito de usar da força física para que sua vontade seja atendida.

Segundo Osterne (2011) é importante ressaltar que apesar de serem os maiores perpetradores, a grande maioria dos homens não comete esse tipo de violência, e até rejeitam e condenam tais atos.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

Os homens são, também, inseridos no âmbito da violência em diferentes lugares, inclusive, em grande parte, como produto-alvo das próprias relações hierárquicas de poder na sociedade. Em outras palavras, o sistema de poder que permite aos homens atuar de modo agressivo e impor seus direitos em nome da prevalência do masculino é o mesmo sistema de poder que os expõem às situações de vulnerabilidade. (OSTERNE, 2011, p.131).

O homem então além de maior usuário da força da violência, também é alvo, já explicitamos diversas situações da violência em que o homem é alvo, os homens tendem a viver menos, isso se da devido ao próprio patriarcalismo que o subsidia na detenção da violência.

De acordo com Schraiber et al. (2007) o cenário brasileiro, após três décadas de ativismo feminista e enfrentamento da violência contra a mulher, contribuiu para que esta se torne mais visível e menos aceitável, entretanto, isso não implica em cessação dos atos de violência, portanto, apesar de mais evidentes, ainda ocorrem em quantidade substancial, sendo portanto ainda um problema grave de saúde.

## **1.2 A violência de gênero o estupro e o perfil do abuso sexual**

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

Estupro e atentado violento ao pudor tem suas diferenças conceituais (sendo que no primeiro ocorre a conjunção carnal, e no segundo não), mas não difere quanto aos aspectos legais. Para ambos os casos, o artigo 213 do código penal brasileiro prevê pena de seis a dez anos de prisão para qualquer infrator que coagir por meio de violência ou grave ameaça outrem, a manter relações sexuais (BRASIL, 2012).

Segundo Garbin et al. (2006), a violência sexual, muitas vezes se encontra dentro do espectro da violência de gênero, que é caracterizada como um ato criminoso contra o gênero, uma violação dos direitos humanos e um comportamento criminal. Qualquer atentado cuja conduta seja baseada no gênero, que cause danos físicos, emocionais, ou sofrimento sexual ou psicológico, é caracterizado como violência de gênero, e a violência doméstica é o tipo mais comum de violência de gênero, em que, muitas vezes, o agressor é o próprio companheiro da mulher.

É importante notar que como muitas vezes o agressor é o próprio companheiro, fica difícil para a sociedade em que a mulher está para satisfazer o homem entender os conceitos de violência sexual, já que em teoria esse seria o dever a mesma.

Reis, Martin, & Ferriani (2004) acrescenta ao afirmar que o abuso sexual é uma forma de violência que

difere das outras, como um ato que não distingue classe social, cultura e nível de instrução, dessa forma o agressor torna a vítima um objeto para determinar o seu poder, utilizando de meios como a força física, intimidações ou mesmo outros meios de coerção como armas, ou ameaças, diante a qual, a vítima encontra-se incapaz de se defender, podendo caso a mesma entre em atrito com o agressor levar a implicações gravíssimas, como a morte.

Para Campos (2006) a diversidade étnica do abuso sexual em mulheres é pouco relevante, sendo predominantemente branco (58,8%) o percentual de mulheres estupradas, seguido de pardo (22,1%) e negras (16,5%), ocorrendo com valores semelhantes aos do censo demográfico no Estado de São Paulo, entretanto o autor mostra que a escolaridade modifica os dados quanto a ocorrência ou não de abuso sexual, relata que em apenas 2,4% das pessoas entrevistadas em seu trabalho apresentavam mais de 12 anos de estudo, e apenas 0,4% trabalha em uma profissão que necessita a conclusão do ensino superior, entretanto, apesar dos valores citados, não se pode inferir que, mulheres com maior escolaridade ou pertencentes ao estrato social médio/elevado são menos sujeitas a violência sexual, mas sim que quando se deparam com a situação, elas permaneçam “emudecidas”, ou provavelmente não

utilizem de serviços de saúde pública, o que ficaria assim fora dos dados da referida pesquisa.

Ainda que o grande grupo que agoniza com o abuso sexual sejam as mulheres, ainda é importante ressaltar que as crianças e adolescentes são muito vulneráveis à tal tipo de violência. Segundo Pfeiffer & Salvagni (2005) a violência sexual é uma situação em que crianças e adolescentes são propensas a sua ocorrência, e sua real prevalência ainda é desconhecida, visto que muitas delas não revelam o abuso, somente conseguindo falar sobre ele na idade adulta.

Para Jesus et al. (2011) o perpetrador do abuso é alguém próximo do abusado, sendo na maioria das vezes familiares, e o abuso realizado na própria residência, portanto explica porque poucos procuram ajuda, e muitos se calam.

Vale ressaltar que para a perpetração do ato sexual forçado muitas vezes usa-se de meios para coerção, sendo esta outra forma de violência associada, variando de arma branca, arma de fogo, força física, violência psicológica e até mesmo o status social perante a vítima como forma de inibir reações ou denúncias.

Segundo Campos (2006) a intimidação em grande parte dos casos vem a partir do uso de força física, e o uso de armas foi citado em uma porcentagem considerável (14,1%) das situações de violência sexual.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

De acordo com Schraiber et al.(2007) as localidades rurais apresentam taxas mais elevadas de violência sexual contra a mulher cometida por parceiro íntimo (14,3%) que os ambientes urbanos (10,1%), a autora considera que as regiões urbanas apresentam uma relação de gênero mais distantes do padrão tradicional, além de uma maior presença de movimentos organizados de mulheres e mesmo de serviços de suporte as mesmas.

Esse é um dado que corrobora com a premissa de que a tradição do patriarcado tem uma relação íntima com a ocorrência ou não de abuso sexual, tendo em vista que quanto mais distantes das relações tradicionais de gênero, há um menor número de violência sexual cometida.

Reis, Martin & Ferriani (2004) colocam sobre a dificuldade de avaliação de provas forenses, já que muitas vezes não há lesões do órgão genital, tão pouco outro comprometimento. Isto é válido lembrando que muitas vezes a vítima não relata a violência, mas demonstra outros indícios quando procura o atendimento em saúde, como hematomas, lesões genitais, fraturas, e até sintomas psiquiátricos. É possível então perceber que a apresentação de transtornos mentais ou mesmo sintomas dos mesmos, como um aliado na investigação do ato criminal.

### **1.3 A violência sexual e os transtornos mentais**

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

“No ato do *estupro* [grifo da autora] realiza-se superlativamente a dissociação entre o sujeito e o objeto da sexualidade, entre o apoderamento sexual do outro e a anulação da vontade da vítima” (MINAYO, 2005, p.24).

Com a citação acima, podemos ver o sentimento de impotência perante o poder do outro, e esse pode ser um dos fatores desencadeantes de vários sintomas psiquiátricos, e o gatilho necessário para a ocorrência de um transtorno mental.

Em Campos (2006), há relato de apenas 6,3% de sintomas psiquiátricos nos avaliados de seu estudo, sendo que destes 12,5 % abandonam o serviço, e 80% entram como não informado, que segundo a autora, a dificuldade em analisar esses dados, é devido muitos realizarem atendimentos em outras instituições. A autora ainda descreve um o relato de uma mãe que foi abusada sexualmente pelo filho e após 3 dias suicidou-se, e não apresentavam informações se ela havia ou não recebido atendimento da equipe de saúde mental. Usando essa história como uma possível explicação sobre o valor baixo de alterações na saúde mental, podemos perceber a falta reconhecimento dos profissionais da saúde mental, e sem esse acompanhamento pode passar despercebido os sintomas psiquiátricos de um indivíduo que sofreu violência sexual.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

Na citação abaixo, pode-se perceber um como o a equipe que cuida da saúde mental é entendida no imaginário social. No seguimento a seguir o relato de uma vítima de violência sexual que foi informada sobre o acompanhamento psicológico que deveria seguir “Olhe dona, essa coisa de psicólogo é só para quem pode! Eu tenho que tratar de trabalhar e esquecer mesmo...” (ALMEIDA, 2004, apud CAMPOS, 2006, f. 133).

A saúde mental é sempre colocada em segundo plano quando comparada com outros assuntos, e portanto torna-se difícil sem um acompanhamento de uma equipe especializada entender e prevenir a manifestação dos transtornos mentais ou ajudar a elaborar os mesmos.

Segundo Zavaschi et al. (2006) a variável do abuso sexual não superou os dados do controle para a relação com os transtornos de humor, e que portanto é difícil associar a violência sexual ao diagnóstico.

Para Basile et al. (2015) mulheres vítimas de estupro, são significativamente mais propensas de relatar sintomas de depressão e TEPT combinando com os achados de Inveson et al. (2015) que em seu estudo verificou a mesma combinação de transtornos mentais, porém para mulheres veteranas de guerra e que sofreram algum tipo de agressão por parceiro íntimo.

Segundo Bordin & Offord (2000), o abuso sexual sofrido por mulheres na infância, é considerada um fator de risco para a personalidade anti-social, o que pode

evidenciar uma relação entre a construção personalidade e a violência sexual.

Segundo Hohendorff, Habigzang & Koller (2012) são algumas consequências possíveis do abuso sexual: a maior probabilidade de apresentar alterações cognitivas emocionais e comportamentais; transtornos disruptivos; quadros de estresse pós-traumático; somatização; paranoia; bulimia; depressão; suicídio; abuso de substância; personalidade antissocial e personalidade borderline, todos identificados em meninos vítimas de violência sexual.

Segundo Ribeiro et. al (2009) os problemas de externalização são o desfecho mais significativo associado à violência em crianças e adolescentes, mostrando assim mais uma vez o impacto que a violência tem sobre a saúde mental e sobre a personalidade do indivíduo.

Com essas evidencias fica mais fácil visualizar como os transtornos mentais podem ajudar tanto a identificar a violência sexual, bem como a evidencia de um estupro pode traçar um ponto onde o profissional deve voltar sua atenção para que o tratamento seja mais eficaz e o melhor prognóstico seja estabelecido esse paciente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

Dentro do universo da violência sexual é possível tomar algumas conclusões e estabelecer alguns pontos, nos achados das pesquisas elencadas, tais como:

- O homem é o principal perpetrador do ato de violência sexual;
- O ambiente rural apresenta uma maior prevalência de violência sexual quando comparado às mulheres sitiadas em localidades urbanas;
- Como consequência a violência sexual traz alterações no comportamento, no emocional e até na cognição da criança;
- Há relatos de, somatização, paranóia, bulimia, depressão, suicídio, abuso de substância, personalidade antissocial, personalidade borderline, e transtorno de estresse pós traumático, em pessoas que sofreram violência sexual;
- Os transtornos de humor, entretanto, não apresentaram uma relação causal com os casos de abuso sexual.

Apesar dos achados representarem diversas pesquisas, nacionais e internacionais, alguns dados não são possíveis de analisar, pois a literatura a cerca do tema é escassa, tal qual a violência sexual contra o homem, afinal a maioria dos artigos da literatura tendem a estudar o fenômeno do homem como perpetrador, mas não como

vítima. Nos poucos estudos relacionados ao homem, sua maioria mostrava o homem na fase infanto-juvenil, portanto este estudo não apresentou correlações entre o abuso sexual em adultos do sexo masculino e transtornos mentais sendo esta uma fragilidade desta pesquisa.

Outra consideração a ser feita é a representatividade dos dados das pesquisas incluídas nesse artigo, afinal, a violência sexual contra a mulher, tal qual o abuso sexual contra a criança e o adolescente, não são tão visíveis, o que dificulta a investigação. Muitas vítimas são invisíveis, e apesar de que cada vez mais as pessoas estão denunciando, ainda assim é um assunto tabu, e apenas uma ponta de uma grande porção aparece, a maior parte ainda permanece oculta.

Nesta pesquisa foi verificada ainda uma falta de trabalhos que estudem o machismo e suas implicações na saúde, apesar de muitos artigos acabarem abordando o assunto, mesmo que sem intenção, contudo, ainda assim foi possível perceber como o machismo entra nas relações de saúde, não permanecendo apenas com uma característica exclusivamente social. Há também muita dificuldade em encontrar trabalhos relacionando os transtornos psicóticos e o abuso sexual, ou mesmo um estudo mais geral que centralizasse as informações a cerca dos transtornos mentais e o abuso sexual.

Como foi visto, alguns transtornos estão mais intimamente relacionados à violência sexual e podem

ajudar a saúde a efetuar a ação precoce, antes de agravar o quadro. Sendo então a identificação dos transtornos, tal qual transtorno de estresse pós traumático, sintomas depressivos, bulimia, somatização, paranoia, suicídio, e mesmo sintomas de externalização e em particular alteração comportamental em crianças e adolescentes, por exemplo o abuso de substância, personalidade antissocial e personalidade borderline, como sinais de uma possível vítima de violência sexual e passível de uma investigação mais aprofundada.

Há ainda segundo a busca na literatura alterações de nível cognitivo, emocional e comportamental em vítimas de violência sexual, entretanto não se relacionam aos transtornos de humor, ainda assim, é possível que em vários outros transtornos seja potencializado a ação da elaboração do mesmo, conhecendo melhor a sua etiologia.

Cabe a nos apontar que o país ainda necessita de políticas públicas de proteção à mulher, a criança e o adolescente, que apesar de já termos avançado alguns passos, ainda está longe do ideal, necessita também de um espaço na educação para entender o machismo, como uma atitude que traz inúmeros prejuízos biopsicossociais para toda a população, e esperar como consequência uma sociedade em que todos são incluídos, e não privilegie um grupo em detrimento dos demais.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

## REFERÊNCIAS

ANDRADE S. S. C. A.; et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.28, n.9 : p. 1725-1736, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n9/v28n9a11.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: informação e documentação: resumos: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BASILE, K. C.; et al. Sexual Violence Victimization and Associations with Health in a Community Sample of Hispanic Women. **J Ethn Cult Divers Soc Work**, [s.l.] v. 24, n. 1, 2015. Disponível em:  
<<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15313204.2014.964441?journalCode=wecd20#.VqT9FvkrKM8>>  
Acesso em: 04 jan. 2016.

BRASIL. Código Penal. Vade Mecum Penal. 2ª ed. São Paulo. Rideel, 2012. 1096p

BORDIN, I. A. S. ; OFFORD, D. R. Transtorno da conduta e comportamento anti-social. **Rev Bras Psiquiatr**. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 12-15, 2000.

Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1516-44462000000600004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1516-44462000000600004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>  
Acesso em: 10 jan. 2016.

CAMPOS; M. A. M. R. **A violência sexual como questão de saúde pública: atenção específica em serviço de saúde**. 2006. 168 f. dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Programa de Pós Graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

Disponível em: <  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-05032007-143228/pt-br.php> > Acesso em: 10 jan. 2016.

GARBIN, C. A. S.; et. al. Violência doméstica: análise das lesões em mulheres. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2567-2573, 2006.

<<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=pt>> acesso em 22 de outubro de 2015.

HOHENDORFF, J. V.; HABIGZANG, L. F. ; KOLLER, S. H. Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências.

**Psicologia USP**, Sao Paulo, 2012, v. 23, n.2, p.395-415, 2012. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642012005000007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012005000007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>  
Acesso em 12 dez. 2015

INVERSON, K. M.; et al. Intimate Partner Violence and Current Mental Health Needs Among Female Veterans.

**JABFM**, [s.l.] v.1 n.1 2015 Disponível em:

<<http://www.jabfm.org/content/28/6/772.full#content-block>> Acessado em: 12 jan. 2016.

JESUS, F. B.; et al. Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. **Rev Gaúcha**

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*

**Enferm.** Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 359-367, 2011.  
Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n2/a21v32n2.pdf>>  
Acesso em 12 jan. 2016.

MINAYO, M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v.10, n.1, p.23-26, 2005. Disponível em:  
<<http://www.scielosp.org/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1>>  
Acesso em: 22 set. 2015.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. Disponível em:  
<[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2015.

OSHIKATA, C.T. et al. Características das mulheres violentadas sexualmente e da adesão ao seguimento ambulatorial:: tendências observadas ao longo dos anos em um serviço de referência em Campinas, São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p.701-713, 2011. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2011000400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000400009)>. Acesso em: 18 ago. 2015.

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

OSTERNE, M. S. F. A violência contra a mulher na dimensão cultural da prevalência do masculino. **O público e o privado**, [s.l.], n. 18, p.129-145, 2011.

Disponível em:

<<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=324>> acessado em 15 de agosto de 2015

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n.5, p. 197-204 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2016.

REIS, J. N.; MARTINS, C. C. S.; FERRIANI, M. G.C. Mulheres vitimas de violência sexual: meios coercitivos e produção de lesões não genitais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 465-473, 2004.

Disponível em:

<<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=pt>> acessado em 12 jun. 2015.

RIBEIRO, W. S.; et. al. Exposição à violência e problemas de saúde mental em países em desenvolvimento: uma revisão da literatura. **Rev Bras Psiquiatr.** [s.l.], v.31, n.2, p. 49-57, 2009. Disponível

***Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.***

em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462009000600003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462009000600003&script=sci_arttext)> Acesso em: 20 dez. 2015.

SCHRAIBER, L.B. et al. Prevalência da violência contra. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 41, n. 5, p.797-807, 2007. Disponível em: <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102007000500014](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000500014)>. Acesso em: 18 ago. 2015.

SOUSA, G. R. O.; MENDONÇA, M. A. O. **Avaliação dos padrões de lesões e ferimentos causados por abuso sexual** (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

ZAVASCHI M. L. S.; et al. Adult mood disorders and childhood psychological trauma. **Rev Bras Psiquiatr.** v. 28 n. 3 p. 184-190, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-44462006000300008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-44462006000300008&script=sci_arttext)>

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 26, n. 2, 2017.*